

REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL E CIDADANIA: O TRABALHO E A GERAÇÃO DE RENDA NO CONTEXTO DA OFICINA DE PANIFICAÇÃO DO CAPS GRÃO-PARÁ*

*Psychosocial Rehabilitation and Citizenship: work and income generation in the
context of the workshop bakery CAPS Grão-Pará*

Andréa Ferreira Lima da Silva¹

Ana Maria Pires Mendes²

Artigo encaminhado: 21/05/2019
Aceito para publicação: 04/11/2020

RESUMO: A rede de atenção psicossocial brasileira, produto dos processos históricos do país, visa garantir a reabilitação psicossocial de seus usuários através do trabalho, especificamente, através das iniciativas de geração de trabalho e renda, empreendimentos solidários e cooperativas sociais. Com o objetivo de compreender de que forma o trabalho promove a reabilitação psicossocial no contexto da rede de atenção psicossocial, elegeu-se a oficina de panificação do Centro de Atenção Psicossocial CAPS III Grão-Pará do município de Belém-PA para uma pesquisa. Buscou-se perceber através de entrevistas semiestruturadas como o trabalho da oficina de panificação promove a reabilitação psicossocial para os seus 10 (dez) participantes. Verificou-se que para a maioria dos participantes a oficina era uma atividade de habilidades culinárias na qual o trabalho possuía função terapêutica e a expectativa da geração de renda estava diretamente ligada ao sucesso ou fracasso da execução de um projeto de inclusão social pelo trabalho aprovado pelo Ministério da Saúde no ano de 2012. Considerando a potencialidade do processo de reabilitação psicossocial, propõe-se que a oficina adote os princípios de participação e autogestão do cooperativismo social e da economia solidária em seu processo de trabalho, bem como, que a comunidade seja envolvida no projeto de geração de trabalho e renda do CAPS.

Palavras-chave: Reabilitação Psicossocial. Trabalho. Geração de renda.

ABSTRACT: The Brazilian psychosocial care network, a product of the historical processes of the country, aims to ensure the psychosocial rehabilitation of its

¹Assistente Social. Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Serviço Social UFPA. Especialista em atenção à saúde Mental UEPA/FHCGV. andrea.lima@icsa.ufpa.br

² Assistente Social. Doutoranda em Educação pela Universidad de la Empresa. Mestre em Serviço Social UFPA. Assistente Social. Docente UFPA/ESAMAZ. apires@ufpa.br

users through work, specifically through work and income generation initiatives, solidarity enterprises and social cooperatives. In order to understand how the work promotes psychosocial rehabilitation in the context of the psychosocial care network, the bakery workshop of the CAPS III Grão-Pará Psychosocial Care Center of Belém-PA was chosen for a research. We sought to understand through semi-structured interviews how the work of the bakery workshop promotes psychosocial rehabilitation for its 10 (ten) workshop participants. It was found that for most participants the workshop was a culinary skills activity in which work had a therapeutic function and the expectation of income generation was directly linked to the success or failure of the execution of a social inclusion project by the work approved by the Ministry of Health in 2012. Considering the potential of the psychosocial rehabilitation process, it is proposed that the workshop adopt the principles of participation and self-management of social cooperativism and solidarity economy in its work process, as well as that the community be involved in the project of job creation and CAPS income.

Keywords: Psychosocial Rehabilitation, work, income generation.

1 INTRODUÇÃO

O crescente interesse pelo tema da reabilitação psicossocial na última década é reflexo das recentes reformas no cuidado em saúde mental e do processo de mobilização social que impulsionou o resgate dos direitos sociais e o exercício da cidadania das pessoas com a experiência do sofrimento psíquico.

A prática da reabilitação psicossocial na saúde mental é “antes de tudo e neste momento, historicamente, em todo o mundo, uma necessidade ética, é uma exigência ética.” (SARACENO, 1996, p.13). Saraceno destaca a reabilitação como reconstrução, exercício da cidadania e da contratualidade em diferentes cenários, entre eles do trabalho como valor social.

Destarte, a reabilitação psicossocial através do trabalho deve ser considerada com a mesma importância e investimentos dados as práticas de tratamento ambulatorial, de atenção à crise, de prevenção ou promoção da saúde mental, pois não se executa uma para depois se executar a outra, mas todas devem ser promovidas de forma concomitante. Desta forma, o seguinte trabalho busca trazer elementos para uma reflexão sobre as práticas de reabilitação psicossocial através do trabalho e seus resultados para os usuários da política de saúde mental.

2 OBJETIVOS

Geral: Analisar como o trabalho da oficina de panificação do CAPS Grão-Pará promove a reabilitação psicossocial de seus participantes.

Específicos:

- Perceber a concepção da oficina de panificação para seus participantes;
- Identificar mudanças provocadas pela participação na oficina de panificação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Abordagem

Diante do objetivo proposto o presente estudo adotou a abordagem de pesquisa qualitativa, considerando-a adequada para o alcance dos objetivos traçados para a pesquisa de campo. Tal abordagem é coerente com o processo de análise de dados que deve ser concebido sob a ótica de uma dada realidade histórica e apreendido a partir da interpretação feita por seus atores.

3.2 Local

A oficina de panificação começou a ser pensada pelos profissionais do CAPS III em Belém/PA depois da capacitação promovida no ano de 2010, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR-PA, para os usuários e profissionais do CAPS Grão-Pará. A capacitação foi possível devido à parceria das duas instituições, que viabilizou 10 (dez) aulas relacionadas à panificação. A partir desta experiência a equipe multiprofissional do CAPS, influenciada pela nutricionista da equipe da tarde, propôs a oficina permanente de panificação com a proposta de que fosse avaliada a cada seis meses. A oficina funcionava desde o ano de 2010, abrindo para entrada de novos participantes a cada semestre.

No ano de 2013, a oficina era realizada todas as quintas-feiras, coordenada por uma nutricionista, possuía 15 usuários matriculados divididos em dois grupos, uma vez que, o espaço utilizado para a oficina era a pequena cozinha do CAPS, o que inviabilizava que os 15 usuários e o (a) oficineiro (a) a utilizassem ao mesmo momento. As aulas eram ministradas geralmente pela nutricionista responsável, mas também ministradas por convidados que possuíam experiência na área da panificação. O conteúdo das aulas variava entre aprendizagem e produção de doces ou salgados voltados para a panificação.

3.3 Sujeitos da pesquisa

A amostragem ocorreu tendo como critério de inclusão ser participante da oficina de panificação do CAPS Grão-Pará. Os critérios de seleção se basearam na indicação da coordenadora da oficina e na disponibilidade dos indivíduos para participarem da pesquisa.

Através dos contatos telefônicos disponibilizados pela coordenadora da oficina de panificação do CAPS Grão-Pará foram realizados os convites para participação da pesquisa, dos 14 (quatorze) contatos telefônicos, 12 (doze) correspondiam corretamente aos participantes e 2 (dois) não existiam mais, impossibilitando os contatos com os usuários. Dentre os 12 (doze) usuários convidados, 1 (um) justificou sua ausência e outro não compareceu ao dia agendado para entrevista. As entrevistas foram realizadas no espaço do CAPS Grão-Pará, no mês de dezembro de 2013.

3.4 Produção e análise de dados

Os dados foram coletados a partir da utilização da técnica de entrevista. Considerou-se a entrevista semiestruturada como a mais adequada para este estudo, pois, como coloca Minayo (2000), combina questões estruturadas e abertas por meio das quais o sujeito pode discorrer livremente sobre o tema proposto sem se ater a condições e questões preestabelecidas pelo entrevistador.

O roteiro para a entrevista foi preparado baseado no objetivo da pesquisa e em referencial bibliográfico da área, e abordou elementos sobre: os motivos que levaram os usuários a escolher participar de uma oficina de trabalho; o significado da oficina de panificação; a expectativa da geração de renda e a avaliação dos mesmos sobre a participação na oficina.

Para a ordenação dos dados obtidos por meio das entrevistas, elas foram transcritas na íntegra. Em seguida, foi feita a padronização das transcrições de modo que todas as entrevistas foram ordenadas, pelos dados de identificação pessoal e profissional, com os registros do diário de campo. Após a ordenação das entrevistas foi realizada leitura exaustiva buscando-se uma apreensão global das mesmas, dos seus aspectos dinâmicos e interativos. No item *Apresentação e Discussão dos Resultados* as transcrições das entrevistas serão identificadas de P1 a P10, que significarão respectivamente “Participante” e a ordem na qual foi entrevistado.

Para análise das respostas abertas dos participantes, optou-se por analisar as respostas dadas pelos participantes às (4) quatro perguntas abertas na ordem em que foram realizadas.

3.5 Cuidados éticos

O estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética da Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Vianna e a 1ª Regional de Saúde do Estado do Pará – responsável pelo CAPS Grão-Pará –, conforme os preceitos ético-legais, a pesquisa atendeu as normas da Resolução N° 466/12, e obteve parecer aprovado com o N° 445.028.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos sujeitos

Foram participantes deste estudo 10 (dez) usuários, das informações coletadas no formulário preliminar de informações pessoais e profissionais dos participantes, constata-se que 6 (seis) participantes da presente pesquisa são do sexo feminino e 4 (quatro), do sexo masculino. A média de idade é 47 anos. Quanto à escolaridade dos participantes, 3 (três) declararam possuir o ensino fundamental incompleto, 1 (um) o ensino fundamental completo, 2 (dois) o ensino médio incompleto, 3 (três) o ensino médio completo e 1 (um) o ensino superior incompleto. Todos os 10 participantes residem com familiares.

Em relação à profissão, foi possível identificar variedade entre os participantes, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1: Quantitativo de participantes por profissão/ocupação

Profissão/Ocupação	Quantidade
Artesã	1
Autônomo (a)	3
Estudante	1
Guardador de veículos	1
Pintor	1
Professora	2
Vigilante	1

Em relação ao tempo de tratamento em saúde mental, independentemente do serviço, metade dos participantes possui 10 (dez) ou mais anos de acompanhamento em saúde mental, sendo 1 (um) com 25 anos, 1 (um) com 20 anos, 1 (um) com 14 anos, 2 (dois) com 10 anos, 1 (um) com 9 anos, 1 (um) com 7 anos, 1 (um) com 5 anos, 1 (um) com 3 anos e 1 (um) com 1 ano de tratamento.

Sobre o recebimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC) ou aposentadoria: 1 (uma) participante é aposentada por invalidez, 3 (três) são beneficiários do BPC e 6 (seis) não recebem qualquer benefício social ou aposentadoria.

Em relação ao tempo de participação na oficina de panificação, 1 (uma) usuária participa há 3 anos, 1 (uma) participa há 2 anos, 3 (três) há 1 ano e a outra metade participa há 3 meses ou menos.

4.2 A Oficina como espaço de habilidades culinárias e como espaço de trabalho e geração de renda

Através da primeira pergunta objetivou-se saber os motivos pelos quais os usuários escolheram participar de uma oficina de panificação. As respostas à primeira pergunta da entrevista semiestruturada foram variadas. Para a maior parte dos participantes, a escolha pela oficina de panificação não passou de mais uma de várias oficinas que os mesmos participam durante o tratamento, sendo que para 2 (dois) entrevistados a escolha de participar da oficina de panificação não foram suas, foram dos profissionais do CAPS.

Por que é... como eu já sabia fazer pastel aí eu fui escolhido pra lá, já participei de tudo que é oficina do CAPS, aprendi fazer vassoura, pulseira um monte de coisa. (P5)

[...] agora de panificação ela me traz esse benefício porque é uma coisa que se come, se gosta e se aproveita uma massa pra fazer pra inventar uma coisinha. Pra mim ela foi muito boa. (P6)

[...] Eu falei pra minha técnica que eu queria fazer, participar da atividade só da atividade. (P7)

[...] Porque eu queria mudar um pouco, tava acostumada a fazer outras oficinas eu queria experimentar e gostei. Aprendi né? (P8)

[...] eu escolhi porque eu gosto de ver coisa nova né? Aprender a cozinhar, fazer pão, fazer outras coisas diferentes do dia a dia. (P9)

Não escolhi, a assistente social que me botou lá. (P10)

As respostas dadas a pergunta *por que você escolheu participar da oficina de panificação* suscitam duas reflexões importantes, a primeira delas relacionada ao entendimento da oficina de panificação como mais uma atividade a ser desenvolvida no CAPS, como que por uma questão de costume e rotina. Na fala dos participantes, o trabalho da oficina parece ser concebido como parte

do cotidiano do tratamento no CAPS, sendo suas escolhas, aparentemente, esvaziadas de sentido.

Acredita-se que os motivos que levaram estes participantes a optarem pela oficina de panificação podem impedi-los de se apropriar do trabalho e de desfrutar das oportunidades que ele pode proporcionar. Por outro lado, acredita-se que o próprio processo de trabalho da oficina poderá desconstruir a ideia de que a panificação é apenas mais uma atividade do projeto terapêutico.

A segunda questão que poderá ser refletida pode ser iniciada pelas respostas dos participantes (P5) e (P10), pois elas indicam que a escolha de participar da oficina não foi dos próprios participantes, mas de profissionais do CAPS, o primeiro refere que não escolheu, mas foi escolhido, e o segundo relata que uma profissional que escolheu por ele. Ressalta-se que o direito de decidir perpassa o processo de estímulo da autonomia.

O conceito de autonomia será resgatado aqui para reforçar a ideia de que não há como produzir reabilitação psicossocial sem que se garanta, o direito de o usuário decidir a oficina que deseja participar. Pitta (1996) compreende a reabilitação psicossocial como um processo que facilita ao indivíduo, a despeito de suas limitações, maior autonomia na comunidade. Na mesma direção, Kinoshita (1996) avalia que reabilitação psicossocial seria um processo de restituição do poder contratual do usuário visando ampliar sua autonomia. As respostas dos dois participantes suscitam as reflexões de Duarte (2007):

[...] a reabilitação psicossocial continuou com o foco na doença, nas incapacidades e nas desabilidades do indivíduo, mantendo uma relação hierárquica entre profissional de saúde e paciente, na qual os profissionais ditam o que o indivíduo deve fazer para se tornar reabilitado. (DUARTE, 2007, p. 127).

Nesse sentido, também se resgata a reflexão de Lussi, Pereira e Pereira Júnior (2006) sobre o papel do profissional de saúde no processo de reabilitação psicossocial:

[...] o profissional de Saúde Mental pode, através de um processo de comunicação, de escuta, de acolhimento e de atividades práticas-criativas, junto com o portador de sofrimento mental, agir como facilitador na construção de novas configurações mentais, nas quais o sistema de relações que compõe a vida dessa pessoa possa se auto-reorganizar, desse modo, se estabilizando em um novo padrão de relações. (LUSSI; PEREIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 455).

Desta maneira, a construção dos projetos terapêuticos pode tanto impor limites ao processo de autonomia como pode fomentar relações de igualdade e potencializar a capacidade contratual do usuário.

Para 3 (três) dos entrevistados a escolha pela oficina vem acompanhada da vontade e da necessidade de trabalhar. Percebe-se que o trabalho da oficina para estes usuários está associado à geração de renda, sendo, inclusive, concebido como necessário para o complemento da renda familiar.

Eu quero aprender porque um dia assim quando eu tiver minha alta né? quando eu ficar bom, que eu preciso da minha saúde, ficar bom que eu quero ajudar minha mãe assim com trabalho. (P1)

[...] quando falaram que o Governo Federal estava mandando uma verba pra gente procurar num centro comunitário um espaço, porque com esse dinheiro vão comprar tudo que precisar aí vai ser escolhido alguns pacientes e esse paciente vai trabalhar, vai fazer, vai vender e depois vai dividir o lucro. E como tenho muita vontade de trabalhar fiquei muito interessada nisso aí. (P2)

Porque eu gosto e também eu sei que vai gerar alguma renda né?

Porque pra nós é muito difícil conseguir emprego no mercado né? (P3)

O relato do participante (P3) é simbólico: “porque pra nós é muito difícil conseguir emprego no mercado né?”, pois parece carregar toda história da relação da loucura com o trabalho na sociedade capitalista. A ideia falsa da invalidez da pessoa que possui transtorno mental ainda impregna as relações sociais, logo, “o preconceito, em todas as esferas da sociedade, inclusive no âmbito do familiar, contra portadores de doenças e transtornos mentais, além da inutilidade funcional a eles impostas, aprofundou barreiras e estigmas históricos em relação a suas condições.” (BUENO, 2012, p. 190).

Em relação a vontade de trabalhar dos participantes, percebe-se que ela não está ligada a ideia de ocupação do tempo, mas se refere às necessidades objetivas dos usuários, necessidades de ajudar a mãe nas despesas de casa, de possuir uma renda etc.

O estudo realizado por Rodrigues, Marinho e Amorim (2010) aponta que o trabalho, para os sujeitos, tem significado a partir da possibilidade de conquistar autonomia e independência e, conseqüentemente, de adquirir independência econômica e mesmo moral em relação à família.

A resposta do participante (P2) remete ao edital que o CAPS Grão-Pará ganhou no ano de 2012 para desenvolver o projeto da oficina de panificação como cooperativa de trabalho. Esta informação é recorrente nas entrevistas e mais adiante será esclarecida.

4.3 Aprendizado e “Uma Luz no fim do túnel”

Com a intenção de compreender o que é a oficina de panificação na concepção de seus participantes, perguntou-se *o que é a oficina de panificação para você?* Percebeu-se que as mesmas pessoas que escolheram a oficina

porque acreditam ser mais um espaço de atividades manuais, seguiram com o mesmo sentido nas respostas dadas a esta pergunta.

Pra mim eu desenvolvi né? Aprendi muita coisa, aprendi a fazer coisas que eu não sabia né, receita [...] mas foi uma coisa muito boa, aprendi muita coisa, é muita receita. (P1)

Olha eu sei fazer pastel eu gosto de mexer com massa porque sempre trabalhei com massa isso porque eu gosto. (P5)

Aprender a fazer as coisas, pastel, sonho. (P7)

É aprendizagem né? Eu aprendi. Só que eu ainda não botei em prática nem uma das receitas, eu ia até trazer, mas eu não achei hoje eu sei que tá guardada lá. Eu quero fazer ainda, mas eu ainda não tive tempo porque eu fico costurando e eu não tive tempo de fazer. (P8)

Eu aprendendo a fazer muitas coisas bolo, pão, pastel aí tá indo né? Não fiz em casa ainda, mas já sei mais ou menos como é. (P10)

Quando comparadas as repostas dos participantes que acreditam que a oficina é mais uma atividade manual com as repostas dadas a segunda pergunta observa-se coerência, uma vez que, em uma oficina de habilidades culinárias pressupõe aprendizado e, foi este aprendizado que apareceu nas repostas sobre o que é a oficina para você, pois os entrevistados citaram o que aprenderam durante a participação na oficina. Considera-se que o aprendizado de coisas novas é de grande valor para os participantes, por outro lado, as repostas dadas podem ter correspondência com o processo de trabalho da oficina de panificação, que ainda não é conduzido na perspectiva de trabalho e geração de renda. Para o outro grupo de participantes a oficina significa uma oportunidade que poderá ser concretizada ou não, foi possível verificar em alguns relatos dos participantes do presente estudo o potencial do trabalho na direção de produção de vida, como mostra as falas abaixo:

Essa oficina pra mim. É como...é porque estão comentando **sobre uma oportunidade de trabalho** em cima dessa panificação aí por isso que eu me interessei muito porque eu tenho vontade de ser uma das colocadas. (P2)

Olha pra quem ficou incapacitada de trabalhar é... você aprender a fazer coisas, aprender fazer alguma coisa já é muito bom, você se sente capaz. **Então você ter assim uma luz no fim do túnel que pode ser a cooperativa e você achar que eu vou poder trabalhar de novo, eu vou quem sabe entrar no mercado de trabalho novamente, eu vou poder produzir o meu próprio dinheiro outra vez e pedir pra desocupar minha sala ter de novo a sala da minha casa. Então é não sei te dizer a dimensão que é assim uma coisa imensa sabe? Não sei te explicar.** (P4)

Olha a oficina de panificação pra mim é muito boa porque a gente aprende a fazer coisas que a gente não sabe né? Tem o panetone que eu nunca tinha visto fazer eu aprendi fazer, tem pasteizinhos, tem os sonhos. Então tem várias receitas que a gente aprende a fazer. Então com essas receitas vai ser uma ajuda pra gente, essas aulas **a gente aprendendo se torna útil pra gente.** (P6)

Olha significa também **uma renda que a gente pode ganhar, fazer em casa pra vender ou então se especializar e ir pra uma empresa grande**. Já fiz uma vez em casa não pra venda, só consumo de casa mesmo. (P9)

Com base nos relatos se reconhece os resultados da pesquisa de Lussi (2009), na qual a concepção de trabalho está diretamente interligada ao resgate de sentimentos, de atitudes, de habilidades e de capacidades que anteriormente se viam apagadas. A reflexão faz sentido quando se analisa a fala da participante (P4): “[...] e você achar que eu vou poder trabalhar de novo, eu vou quem sabe entrar no mercado de trabalho novamente, eu vou poder produzir o meu próprio dinheiro outra vez [...]”.

A autora conclui que, na percepção dos sujeitos de sua pesquisa, o trabalho se configura como uma importante ferramenta para a emancipação social, além de possibilitar o autoconhecimento e a auto. Observa-se que tanto para os sujeitos da pesquisa de Lussi (2009) quanto para os sujeitos desta pesquisa o trabalho aparece como possibilidade de auto realização.

É interessante observar a fala desse grupo de participantes, pois o trabalho e a geração de renda aparecem como um sonho que tem na oficina uma possibilidade de concretização. A participante (P2) relata que deseja uma vaga no projeto de cooperativa que o CAPS aprovou pelo Ministério da Saúde, assim como a participante (P4), que enxerga a cooperativa como “uma luz no fim do túnel”. As respostas dadas pelos participantes reforçam que o “trabalho é rico de sentido individual e social, é um meio de produção da vida de cada um ao prover subsistência, criar sentidos existenciais ou contribuir na estruturação da identidade e da subjetividade”. (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 40).

4.4 Projeto Grãos do Pará

Com o objetivo de investigar sobre a expectativa dos participantes sobre a possibilidade de a oficina de panificação gerar renda para os mesmos, perguntou-se *você acredita que a oficina de panificação pode gerar renda para você? Por quê?* As respostas foram unânimes em dizer que sim. No entanto, algumas respostas ultrapassaram a questão sobre a possibilidade de a oficina gerar renda ou não, mas se voltaram para desconfiança em relação à construção da cooperativa proposta pelo projeto do CAPS.

A Dra. [...] falou que tinha...que o CAPS foi sorteado, no caso 3 unidades. O projeto da panificação, crescimento da panificação e tem que arrumar um lugar pequeno, não muito pequeno né? Pra gente montar a padaria, a panificadora, mas pra isso precisa de muita gente,

pessoas que estejam dispostas. Vou dizer assim ó, no começo a gente não ia receber nada, primeiro a gente ia fazer um teste pra vê como ia ficar. Ai tá esse projeto pode ser que o governo liberou 50 mil reais pra montar esse projeto, mas eu acho que vai ser feito agora esse ano que vem. (P1)

Bom a professora falou pra nós que ela ia formar um grupo né? Uma cooperativa, a gente tá esperando essa cooperativa né? Pra nossas dificuldades, pra trabalhar sozinho é muito complicado né? Tem que ter alguém que ajude. (P3)

Acredito sim, por que eu acredito na Dra. [...], o que ela fala eu já percebi que o que ela fala acontece sabe? Não é uma pessoa assim que faz planos que não vai dar em nada ela é confiável. Então tudo que ela planeja com a gente ela faz de verdade. Então eu vejo ela se esforçando pra cooperativa sair então eu acho que sim que vai dar certo. (P4)

Gerar pode gerar renda, mas tá muito devagar aí, esse projeto dela diz que vai incentivar a gente pra trabalhar, mas do jeito que ela quer não vai sair eu acho. (P6)

A III Chamada para Seleção de Projetos de Reabilitação Psicossocial: Trabalho, Cultura e Inclusão Social na Rede de Atenção Psicossocial realizada há 7 (sete) anos pelo Ministério da Saúde - MS, selecionou o projeto do CAPS, denominado “Grãos do Pará”. O objetivo das chamadas de seleção de projetos de reabilitação psicossocial do MS era financiar projetos da rede de atenção psicossocial brasileira que visem a reabilitação psicossocial através do trabalho associado, sendo as cooperativas e os empreendimentos de Economia Solidária os protagonistas da seleção³.

O CAPS aprovou o projeto “Grãos do Pará” no final do ano de 2012, com a expectativa que o dinheiro do financiamento, no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) fosse disponibilizado no início do ano de 2013. No entanto, a programação não seguiu como o previsto. O CAPS foi orientado pelo MS a reformular o projeto, com o objetivo de levar os equipamentos da panificação e o projeto de cooperativa para espaços dentro da comunidade e não no espaço do próprio CAPS. O projeto foi adequado segundo as recomendações do MS e enviado novamente para apreciação da comissão, obtendo parecer favorável.

Segundo informações disponibilizadas pela coordenadora da oficina e do projeto “Grãos do Pará”, o incentivo financeiro no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil) reais foi repassado pelo Fundo Nacional de Saúde (FNS)

³ Trata-se de um recurso de custeio pontual que pode ser utilizado para equipar os projetos ou programas de geração de renda e trabalho (oficinas, cooperativas sociais, associações, grupos de produção, entre outros empreendimentos econômicos solidários) e/ou capacitar e formar os usuários, familiares e trabalhadores de saúde mental que inseridos em iniciativas de reabilitação psicossocial. (BRASIL, 2012, p. 04).

diretamente ao Fundo Estadual de Saúde (FES). Sendo que até o período da pesquisa nenhuma parte do financiamento havia sido repassada ao CAPS.

Através das respostas dos participantes percebe-se duas questões, a primeira relacionada à falta de informações exatas sobre o andamento do projeto e, a segunda refere-se ao fato de os participantes atribuírem o sucesso do projeto à coordenadora. Os participantes possuíam expectativas de receber um equipamento, no qual a partir da inauguração iriam poder trabalhar e gerar renda.

Sabe-se que o edital do MS privilegiou ações em consonância com o princípio do cooperativismo e da economia solidária e, em ambos os processos a participação e a autogestão⁴ são princípios que caminham juntos. Nessa perspectiva, buscava-se encontrar na oficina de panificação e no processo de constituição do projeto “Grãos do Pará” canais de participação onde os usuários, profissionais, gestão do CAPS e Secretaria de Saúde do Estado pudessem trocar informações e juntos planejar os próximos passos para construção da cooperativa ou equipamento que usará o trabalho da panificação para promover a reabilitação psicossocial dos participantes.

No entanto, as respostas demonstram que a única fonte de informações é o contato com a professora e coordenadora da oficina. Ainda mais, os participantes parecem não possuir a percepção de que o projeto é uma construção coletiva, não há um sentimento de pertencimento sobre a cooperativa. O sentimento de não pertencimento pode ser reflexo do processo de construção do projeto antes de ser submetido ao edital do MS.

Os participantes compreendem que o projeto é do CAPS. As respostas demonstram não conhecimento sobre as ações do MS relacionadas à inclusão social através do *trabalho associado* e da *economia solidária*. Assim, reflete-se sobre os riscos de o projeto não apresentar o engajamento dos usuários ou não ser executado na perspectiva do cooperativismo ou da economia solidária.

4.5 Terapia e Trabalho

⁴ Sobre a autogestão em empreendimentos econômicos solidários: “Os membros das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus de interesse. Os eventuais apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação”. (FARIA; SANCHEZ, 2011, p. 423).

Com o objetivo de identificar as possíveis mudanças provocadas pela participação na oficina de panificação, perguntou-se *a Oficina de Panificação contribuiu em algum aspecto da sua vida?*

Nas falas de alguns sujeitos do presente estudo pode-se identificar a atribuição de caráter terapêutico ao trabalho:

Antigamente eu não tinha paciência com nada. A oficina me ajudou muito, não só a panificação, mas como as outras o coral e o artesanato me ajudou muito. (P1)

Faço em casa também e também aprendi a me relacionar melhor com as pessoas. Eu ficava só no cantinho, sossegada ali quase que não conversava. E agora não a professora chama a gente, a gente tem integração lá com o pessoal, com a professora, na cozinha, tem mais liberdade. (P3)

Olha graças a Deus trouxe melhora pra minha saúde né? (P5)

Muito, muito o CAPS pra mim é minha segunda casa porque eu sempre vejo a depressão da seguinte forma você tem que ocupar sua mente porque se você ficar só em casa sem nenhuma atividade volta aquele filme todinho de novo na sua cabeça. (P6)

Contribuiu pra aprender né. (P8)

Melhorei né? Uma doença que eu tinha até que tá. Aí venho pra panificação que até esqueço que tenho doença. (P10)

Para alguns sujeitos participantes da pesquisa, o trabalho é concebido como sinônimo e/ou meio de tratamento, recuperação. A constatação nos remete a concepção de Carnevalli (2012), que acredita que a oficina de trabalho é um espaço terapêutico:

A função terapêutica da oficina é dada pela convivência que se estabelece no qual o sujeito/oficineiro é o ator principal desse processo interacional e é onde ele vai emergir e ser determinado pelas relações que irão se estabelecer nesse grupo. (CARNEVALLI, 2012, p. 171).

A fala da participante (P3) ilustra o que autora pondera: “eu ficava só no cantinho, sossegada ali quase que não conversava. E agora não a professora chama a gente, a gente tem integração lá com o pessoal, com a professora, na cozinha, tem mais liberdade”.

Lussi e Morato (2012), durante pesquisa realizada em empreendimentos solidários de pessoas com a experiência do sofrimento psíquico, observaram percepções parecidas com as encontradas nesta pesquisa, mas as autoras alertam para a necessidade de considerar as diferenças individuais de cada sujeito da pesquisa, já que a maneira de conceber o trabalho sob enfoque terapêutico pode estar relacionada ao perfil intelectual de cada um, à condição do quadro clínico atual e mesmo à habilidade para elaborar essa concepção.

Torna-se importante considerar que a dimensão dada ao trabalho pelos participantes P5, P6, P8 e P10, pode vincular-se ao fato de a oficina de panificação ser realizada nas dependências de um equipamento de saúde. Logo,

a atividade é concebida como terapia, igualmente, as respostas dadas na primeira pergunta.

[...] quando os usuários da saúde mental vivenciam experiências laborais que de fato os remetem a um contexto de trabalho e possibilitam a eles vivenciar trocas materiais, sociais e afetivas, fazendo com que sintam-se participantes da vida social, essa vivência viabiliza a mudança de concepção de trabalho terapêutico para trabalho com sentido, significado e valor social. (LUSI; PEREIRA, 2011, p. 375).

Para alguns participantes a concepção de trabalho já possui sentido e valor social como observado nas respostas dadas para as duas primeiras perguntas. Observa-se nas falas dos participantes (P2) e (P9) a preocupação em, a partir do trabalho da panificação “se tornar um profissional” ou de “continuar na panificação pra aprender novas coisas e um dia quem sabe vender então ir pra uma empresa grande que me contrate pra fazer essas coisas que a gente aprende aqui”.

A vantagem que teve foi justamente porque eles estão escolhendo o pessoal da panificação. Olha eu acho que a oficina foi boa, mas só que deveria ter mais tempo pra que a gente aprendesse melhor entendeu? Porque é um monte de usuário né? E uma professora só aí a gente vai fazendo aquilo ali, mas se tivesse assim mais tempo e mais pessoas pra poder tá dando aula isso aquilo porque uma professora fazia e um monte de usuário fica ali pra aprender, então de repente pra mim deveria ter mais tempo mais calma pra poder a pessoa se tornar um profissional. (P2)

Ainda não, porque eu ainda não investi assim pra venda, só mesmo em casa que eu fiz, mas só que eu pretendo fazer, continuar na panificação pra aprender novas coisas e um dia quem sabe vender então ir pra uma empresa grande que me contrate pra fazer essas coisas que a gente aprende aqui. (P9)

É inegável que o trabalho terapêutico no contexto da instituição pode se converter em trabalho que produz sentido e valor. Por isso a discussão quanto à viabilidade do uso de cooperativas integradas na área da saúde mental é de extrema importância para a vida das pessoas com a experiência do sofrimento psíquico inseridas na rede de atenção psicossocial.

Considerando as palavras de Rodrigues e Pinho (2012), acredita-se que por meio das cooperativas integradas é possível criar formas mais autônomas de trabalho e novas maneiras de organização do trabalho com o objetivo de atingir uma população que se encontra em desvantagem, não somente o grupo de pessoas com a experiência do sofrimento psíquico, mas todos os grupos excluídos da economia formal capitalista.

O trabalho social, capaz de abrigar e expandir as potencialidades da loucura, só pode ser um trabalho fundado na coletividade e na associação livre dos trabalhadores e trabalhadoras, pois é a representação da autoatividade e da real emancipação em se realiza a partir do domínio integral do ato laborativo (não estranhado). Tendo o ritmo de trabalho construído através das potencialidades e possibilidades de cada trabalhador, o que no caso da “loucura” seja um processo no qual os transbordamentos não sejam vistos como negação de uma “produtividade”, mas sim, como processo vivo de expressão de existência. (RODRIGUES; PINHO, 2012, p. 199-200).

Nesse âmbito, pode-se aprender com a experiência italiana, que conseguiu obter êxito nas cooperativas de trabalho integradas. A respeito da polêmica relação entre tratamento, trabalho e produção, Leonardis e Goergem (1986) que estudaram as experiências em Trieste na Itália, acreditam que esse difícil equilíbrio entre produção, competitividade e preocupação com a qualidade das relações sociais que se desenvolvem pode ser conciliado. “Os investimentos na formação dessas pessoas, o apoio nos momentos de crise, respeitando sua diversidade e valorizando-as através da possibilidade de criarem e conduzirem as atividades das cooperativas, obterão um retorno social fundamental mesmo dentro de óptica econômica.” (LEONARDIS; GOERGEM, 1986 *apud* BARROS, 1994, p. 103).

O desafio da sustentabilidade dos projetos de geração de trabalho e renda e das cooperativas de trabalho estimuladas pelo Ministério da Saúde com o objetivo de promover a reabilitação psicossocial através do trabalho deverá ser vivido tendo em vista o norte dado pelas experiências de empresa social.

Empresa Social constituiu-se como categoria de análise abrangente que contém diferentes elementos. De um lado, significa a ativação do potencial humano e de qualificação da imagem de quem adoece, dando ênfase naquilo que a pessoa pode fazer (contra um destino quase sempre presente de improdutividade da pessoa que entra no circuito assistencial). De outro, procura reunir um conjunto de recursos da sociedade, criando vantagens sociais para pessoas que se encontram em situação de desvantagem. **O que se quer não é produzir e colocar no mercado “coisas de doente” ou “trabalhos de deficientes”, mas reunir ou construir recursos para que o produto conseguido - nos diversos campos - tenha na qualidade sua força maior.** (BARROS, 1994, p. 102, grifo nosso).

Diante das constatações produzidas pelas respostas a esta última pergunta considera-se que não há como determinar se o trabalho da panificação para os participantes é terapia ou trabalho, mas através das reflexões causadas prefere-se apontar que a oficina é ao mesmo tempo terapia e uma expectativa de trabalho para seus participantes.

Espera-se que no decorrer do desenvolvimento do projeto “Grãos do Pará”, seus participantes tenham a oportunidade de conhecer e vivenciar os princípios do cooperativismo e da economia solidária, pois acredita-se que este é o ponto de partida para o êxito da reabilitação psicossocial de seus participantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia que o melhor modelo de reabilitação psicossocial é aquele que se norteia pela noção de cidadania, em seus termos mais amplos, como a descrita por Coutinho (2000), a capacidade conquistada por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto. Por isso optou-se por trabalhar com a definição de Benedetto Saraceno, uma vez que, “não se trata de tornar o fraco suficientemente forte para poder competir com os demais, mas modificar as regras do jogo de forma que todos possam participar em trocas permanentes de competências e interesses”. (SARACENO, 1999, p. 104).

As políticas sociais de saúde mental estruturadas a partir da rede de atenção psicossocial brasileira visam garantir a prevenção, promoção, tratamento e a reabilitação psicossocial. Esta última se configura como uma estratégia que pretende alcançar seus objetivos através do incentivo às iniciativas de geração de trabalho e renda, empreendimentos solidários e cooperativas sociais.

Com o objetivo de perceber como esta estratégia funciona no contexto de uma oficina de panificação em um CAPS do município de Belém e desta forma contribuir para a ampliação desta estratégia, a pesquisa foi realizada e produziu resultados que nos levam a reflexão sobre um processo de reabilitação psicossocial através do trabalho que vem sendo determinado por questões estruturais e conjunturais desta sociedade.

Os resultados da pesquisa com os participantes da oficina de panificação do CAPS Grão-Pará permitem afirmar que a maioria dos participantes optam pela oficina de panificação sem o interesse pelo trabalho e geração de renda inicialmente, mas percebem a oficina como um espaço de desenvolver habilidades culinárias, o trabalho realizado na oficina é concebido como parte do

cotidiano do tratamento no CAPS, onde o aprendizado das receitas é o principal produto. Para um terço dos sujeitos a escolha da oficina se deu pela esperança de que o trabalho e a geração de renda se transformem em uma realidade e que suas necessidades objetivas possam ser atendidas.

Foi possível perceber que nos relatos dos participantes que acreditam que a oficina pode gerar renda, a concepção de trabalho está diretamente ligada ao resgate de sentimentos, de atitudes, de habilidades e de capacidades que anteriormente se viam apagadas pelos próprios sujeitos (LUSSI, 2009).

No que tange ao projeto de trabalho e geração de renda “Grãos do Pará”, os relatos expressam a falta de informações sobre o andamento do projeto e a maioria dos participantes atribuem o sucesso e/ou fracasso do projeto a equipe do CAPS e não ao coletivo dos participantes.

Nesse sentido, a pergunta que pretendia investigar a expectativa dos participantes sobre a geração de renda através do trabalho da panificação acabou por revelar que os participantes ainda não possuem a compreensão de que o incentivo financeiro do Ministério da Saúde é uma estratégia que tentará promover a inclusão social pelo trabalho. A participação e a autogestão, princípios do cooperativismo e da economia solidária – motivo pelo qual o projeto foi aprovado – ainda não estava sendo estimulada ou exercida pelos participantes protagonistas do projeto.

O sentimento de não pertencimento demonstrado pela unanimidade dos participantes poderá contribuir para insustentabilidade do projeto de geração de trabalho e renda “Grãos do Pará”, pois segundo o Ministério da Saúde espera-se que os empreendimentos caminhem com o protagonismo dos usuários da rede de atenção psicossocial.

A função terapêutica do trabalho foi recorrente nas falas dos sujeitos da pesquisa e, é interpretada aqui como fruto de várias determinações que vão desde os motivos que levaram a escolha da oficina até a forma como se relacionam usuários e profissionais dentro do contexto da oficina. Defende-se a necessidade da desconstrução da visão de cura pelo trabalho, para que se possam planejar projetos de inserção laboral que cumpram com os preceitos da reabilitação psicossocial e que de fato representem uma via de acesso à cidadania.

Aos participantes da pesquisa que esboçaram o valor social do trabalho e a necessidade da geração de renda, a oficina ainda não lhes garante o exercício pleno da reabilitação psicossocial através do trabalho, ainda é uma esperança, como relata uma participante é “uma luz no fim do túnel”. O potencial do trabalho da oficina de panificação é inegável, mas destaca-se a importância de haver investimento por parte dos profissionais e gestão do CAPS, bem como pelo grupo de usuários e a comunidade, em conhecer e estudar sobre o trabalho associado e a economia solidária. Uma vez que existia o reconhecimento por parte do Ministério da Saúde, que se confirma na pesquisa, de que a inclusão social das pessoas com a experiência do sofrimento psíquico não se dará pela inserção na economia formal capitalista, mas a partir do envolvimento em uma economia solidária, onde o trabalho ganha outros sentidos, de objetivação, auto realização e emancipação social.

Para tanto, a pesquisa propõe que a equipe de profissionais do CAPS inicie um processo de esclarecimento aos usuários matriculados e a comunidade sobre os objetivos da oficina de panificação dentro do contexto da inclusão social pelo trabalho. Neste momento, o apoio das incubadoras de empreendimentos solidários e o movimento de economia solidária do município de Belém-PA serão necessários para formação e capacitação de todos envolvidos. Mesmo que o projeto “Grãos do Pará” não tenha previsão para ser executado, é importante que desde já a oficina de panificação trabalhe com os princípios da participação e autogestão de seus participantes.

É fundamental que a comunidade, pessoas que não possuem a experiência com o sofrimento psíquico, desempregados, trabalhadores informais ou subempregados participem do projeto de inclusão social pelo trabalho. As experiências do “Armazém das Oficinas” em Campinas-SP e as cooperativas e empresas sociais de Trieste na Itália provam que o trabalho é um importante vetor para as trocas afetivas e sociais, para reabilitação psicossocial e um dos caminhos de acesso a cidadania.

Reabilitação Psicossocial, Cidadania e Trabalho é uma relação conquistada pelo processo de reforma psiquiátrica no Brasil e pelo movimento de Economia Solidária e precisa ser consolidada a fim de que, em longo prazo, todos acreditem que outra sociedade é possível.

REFERÊNCIAS

BARROS, Denise D. *Jardins de Abel: Desconstrução do Manicômio de Trieste*. São Paulo: Lemos Editorial, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. *III CHAMADA PARA SELEÇÃO DE PROJETOS DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: trabalho, cultura e inclusão social na rede de atenção psicossocial*. 2012. Disponível em: <https://saudeecosol.files.wordpress.com/2012/09/iii-chamada-de-reabilitac3a7c3a3o-psicossocial-trabalho-cultura-inclusc3a3o-social.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

BUENO, Rafael G. Reflexões sobre Saúde Mental e Economia Solidária. In: RIMOLI, Josely; CAYRES, Cleusa O. (orgs.). *Saúde Mental e Economia Solidária/Armazém das oficinas: Um olhar para além da produção*. Campinas: Medita, 2012.

CARNEVALLI, Maria E. C. Oficinas de Trabalho: Um Espaço Terapêutico. In: RIMOLI, Josely; CAYRES, Cleusa O. (orgs.). *Saúde Mental e Economia Solidária/Armazém das oficinas: Um olhar para além da produção*. Campinas: Medita, 2012.

COUTINHO, Carlos N. *Contra a Corrente: Ensaio sobre a Democracia e Socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000.

DUARTE, T. Recovery da doença mental: Uma visão para os sistemas e serviços de saúde mental. *Aná. Psicológica*. 2007, v.25, n.1, p.127-133. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v25n1/v25n1a10.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2013.

FARIA, Maurício S de; SANCHEZ, Fábio. A Economia Solidária no Governo Federal: intersectorialidade, transversalidade e cooperação internacional. In: BENINI (et al). *Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

KINOSHITA, Roberto Tykanori. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, Ana Maria Fernandes (org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

LUSSI, I. A. O; PEREIRA, M. A. O; PEREIRA JUNIOR, A. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização? *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 2006, maio-junho, 14 (3), p. 448-456.

LUSSI, I. A. O; PEREIRA, M. A. O. Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2011, 45(2), p. 515-521. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n2/v45n2a29.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2013.

LUSSI, I. A. O; MORATO, G. G. O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 3, 2012, p. 369-380.

LUSSI, I. A. O. *Trabalho, reabilitação psicossocial e rede social: concepções e relações elaboradas por usuários de serviços de saúde mental envolvidos em projeto de inserção laboral*. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-29102009-135550/pt-br.php>. Acesso em: 28 dez. 2013.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PITTA, Ana (org.). *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RODRIGUES, Kátia L.; PINHO, Leonardo P. Oficinas de Trabalho: limites e desafios para inclusão social pelo trabalho na saúde mental. *In: RIMOLI, Josely; CAYRES, Cleusa O. (orgs.). Saúde Mental e Economia Solidária/Armazém das oficinas: Um olhar para além da produção*. Campinas: Medita, 2012.

RODRIGUES, R. C.; MARINHO, T. P. C.; AMORIM, P. Reforma psiquiátrica e inclusão social pelo trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1615-1626, jan./jun. 2010. Suplemento 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700073&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jul. 2011.

SARACENO, B. *Libertando Identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Belo Horizonte: Te Corá, 1999.

SARACENO, B. Reabilitação Psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. *In: PITTA, A. (Org.). Reabilitação Psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

TOLFO, S.R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Revista Psicologia & Saúde*, v. 19. Ed. Especial, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2013.